

IGREJA BATISTA BETHEL: A DESENVOLVEDORA DO PENTECOSTALISMO TRADICIONAL

**BETHEL BAPTIST CHURCH:
THE DEVELOPER OF TRADITIONAL PENTECOSTALISM**

**IGLESIA BAUTISTA BETEL:
LA DESARROLLADORA DEL PENTECOSTALISMO TRADICIONAL**

Marcial Maçaneiro

● Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Com pós-doutorado em teologia pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Docente da pós-graduação em teologia da PUCPR (Curitiba). Teólogo do Dicastério para a Unidade dos Cristãos (Vaticano) no diálogo internacional católico-pentecostal. Pesquisa e leciona nas áreas de Diversidade Religiosa, Ecoteologia, Mística e Pneumatologia.

● E-mail: marcialscj@gmail.com

Josemar Valdir Modes

● Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Aluno do Programa de Pós-Doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Trabalha como Pastor na PIB Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira.

● E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

RESUMO

O presente estudo analisou a história da Igreja Batista Bethel, desde o seu surgimento e desenvolvimento na história. Essa comunidade manifestou clara hibridização cultural dos elementos teuto-russos dos imigrantes que colonizaram o noroeste do Rio Grande do Sul com a teologia batista tradicional e o pentecostalismo sueco. Essa comunidade de fé foi a responsável pela denominação Batista Independente no Brasil, com centenas de igrejas estabelecidas e uma influência religiosa significativa no cenário religioso brasileiro.

Palavras-chave: Batistas. Tradicional. Pentecostal. Bethel.

ABSTRACT

This study analyzed the history of the Bethel Baptist Church, since its foundation and development in history. This community manifested a clear cultural hybridization of the German-Russian elements of the immigrants who colonized the northwest of Rio Grande do Sul with traditional Baptist theology and Swedish Pentecostalism. This community of faith was responsible for the Independent Baptist denomination in Brazil, with hundreds of established churches and a significant religious influence on the Brazilian religious scenario.

Keywords: Baptists. Traditional. Pentecostal. Bethel.

RESUMEN

El presente estudio analizó la historia de la Iglesia Bautista Betel, desde su surgimiento y desarrollo histórico. Esta comunidad manifestó una clara hibridación cultural de los elementos germano-rusos de los inmigrantes que colonizaron el noroeste de Rio Grande do Sul con la teología bautista tradicional y el pentecostalismo sueco. Esta comunidad de fe fue la responsable de la denominación Bautista Independiente en Brasil, con cientos de iglesias establecidas y una influencia religiosa significativa en el escenario religioso brasileño.

Palabras clave: Bautistas. Tradicional. Pentecostal. Betel.

INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é o grupo religioso que mais cresceu no Brasil nas últimas décadas. Sendo considerado por muitos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, em poucas décadas as igrejas pentecostais reuniram uma quantidade enorme de pessoas em praticamente todos os continentes, influenciando diretamente o avanço do protestantismo no mundo.

Da mesma forma como o movimento cresceu, ele se tornou multifacetado, influenciou outros movimentos que não tinham ligação direta e originou movimentos novos. O *Tradicionalismo Pentecostal*¹ é uma nova forma de se estruturar uma igreja a partir de dois movimentos teoricamente irreconciliáveis, mas que caminham juntos, numa espécie de hibridização cultural: a perspectiva batista tradicional e histórica com o universo do pentecostalismo sueco. Essa forma única de eclesiologia se origina em solo brasileiro, mais especificamente no interior do Rio Grande do Sul, e alcança diferentes regiões do País através do fluxo migratório (Valério, 2020, p. 57).

O objetivo dessa pesquisa não é esclarecer a perspectiva teológica do tradicionalismo pentecostal, nem mesmo toda a sua distribuição e derivação pelo Brasil. A proposta aqui será de estudar a principal comunidade – e não foi a primeira – que foi a responsável pelo desenvolvimento dessa forma única de pensar e estruturar igreja. Através do manuseio de algumas fontes e de referências bibliográficas, irá se descrever um breve histórico do desenvolvimento da Igreja Batista Bethel.²

A pesquisa foi desenvolvida segundo o método histórico-documental, com abordagem qualitativa, voltada para a análise do surgimento, consolidação e desenvolvimento da Igreja Batista Bethel. Para tanto, foram utilizados documentos institucionais como livros de atas da igreja, registros administrativos e jornais produzidos pela própria comunidade, além de fontes bibliográficas acadêmicas que discutem o contexto da imigração teuto-russa, o movimento batista e o pentecostalismo no Brasil.

As atas e jornais, por se tratarem de documentos primários, possibilitaram o acesso direto às decisões, práticas e transformações ocorridas ao longo da história da igreja, revelando sua cultura interna e os valores que a constituíram. Já a bibliografia especializada e os estudos anteriores serviram como fontes secundárias, permitindo uma leitura crítica dos acontecimentos, bem como a inserção da experiência da Igreja Batista Bethel no panorama mais amplo do protestantismo brasileiro.

O cruzamento entre fontes documentais primárias e secundárias conferiu maior rigor à pesquisa, permitindo compreender tanto a dimensão interna da comunidade quanto sua relevância e influência no cenário religioso nacional.

A Igreja Batista Bethel é uma comunidade ainda em funcionamento, com mais de um século de história, com uma cultura única e uma influência muito significativa. Dela derivaram diretamente e indiretamente dezenas de comunidades que perpetuaram o tradicionalismo pentecostal.

AS COMUNIDADES ORIGINADORAS DO TRADICIONALISMO PENTECOSTAL

Foram duas comunidades religiosas, interligadas na história, que deram início ao que se conhece como Tradicionalismo Pentecostal (chamado em algumas pesquisas de pentecostalismo de imigração): a Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva e a Igreja Batista Bethel. O primeiro grupo organizado foi a Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva. Esta igreja foi mais limitada em seu escopo e, embora ainda exista na atualidade, nota-se que não foi a grande propulsora para os trabalhos convencionais e nem mesmo para a disseminação de novas igrejas.

O número de imigrantes volinianos³ na Linha Timbaúva cresceu consideravelmente nos anos de 1900. Havia cerca

1 TRADICIONALISMO PENTECOSTAL é uma junção das práticas batistas tradicionais das igrejas alemãs com o movimento pentecostal de primeira onda advindo da Suécia, além de requintes de hibridização com outras crenças e práticas comuns ao cenário brasileiro, uma singular herança cultural manifesta pelo grupo.

2 O autor deste estudo pertence à comunidade pesquisada, condição que, longe de comprometer o rigor acadêmico, possibilitou acesso privilegiado a documentos internos raramente explorados em pesquisas externas, como livros de atas, jornais institucionais e registros administrativos. Reconhece-se, entretanto, que tal posição pode levar a uma escrita de caráter memorialista. Para mitigar esse risco, optou-se por uma abordagem histórico-documental, fundamentada na crítica de fontes e no diálogo com a bibliografia acadêmica especializada em protestantismo, imigração e pentecostalismo. Assim, buscou-se garantir que a narrativa não se restringisse a uma memória interna, mas se configurasse como uma análise crítica capaz de inserir a experiência da Igreja Batista Bethel no panorama mais amplo da história religiosa brasileira.

3 VOLINIANOS são os imigrantes que vieram da Volínia, “que para muitos hoje é praticamente desconhecida, era um estado na Rússia, cuja sede de governo se situava em Zhitomir. O estado teve 17 distritos: Novograd-Volynsk, Labunsk, Volodymersk, Kovel, Zaslavsk, Ostrog, Rovno, Dombrovyts, Ovruch, Zhitomir,

de cinquenta e cinco pessoas que se reuniam nas casas, num sistema de rodízio entre os participantes, funcionando como uma espécie de congregação da Igreja Batista Alemã da Linha República. O primeiro culto foi realizado na casa de Julio Eichelt no ano de 1912 (Departamento das Igrejas de Língua Alemã, 1989, p. 3). Em 18 de maio de 1915, sob a orientação do pastor Friedrich Leimann e atendendo ao pedido da comunidade de se tornarem uma igreja autônoma ligada à missão sueca (que tinha uma igreja em Guarani das Missões), foi oficialmente organizada a Igreja Batista da Linha Timbaúva. Esta é a primeira igreja de teuto-russos vinculada à missão sueca no Brasil (Valério, 2020, p. 87).

Depois de organizada, esta comunidade foi inicialmente conduzida de forma itinerante por Erik Jansson, Gunnar e John Sjöberg e Alfred Winderlich. Teve Robert Busch como pastor efetivo na comunidade. Como tinha poucos membros, em muitos momentos da história a Igreja Batista da Linha Timbaúva compartilhou pastores de outras comunidades, que realizavam aos trabalhos na localidade em momentos específicos (Departamento das Igrejas de Língua Alemã, 1989, p. 3).

É a partir da segunda igreja teuto-russa que o processo de proliferação de comunidades com teologia *pentecostal de imigração*, advindas do hibridismo cultural, se tornou uma realidade. Esta identidade construída, que é “um significado cultural e socialmente atribuído” (Silva, *In. Silva*, 2000, p. 89), pois nem todas as diferenças existentes no grupo foram pensadas para serem contrastantes, faz com que as comunidades se caracterizem pelo contato com semelhantes e ao mesmo tempo pelo distanciamento dos estranhos, fazendo oposição a eles em muitos momentos. É desta segunda igreja que partem as iniciativas convencionais, que são agrupamentos de igrejas semelhantes, e o padrão de organização institucional de práticas das comunidades. Trata-se da Igreja Batista Independente Betel da Linha Doutor Pederneiras, chamada no início de Igreja Batista Bethel. Ela se tornou o modelo padrão para a criação de outras igrejas.

A de Igreja Batista Bethel surge num cenário de disputa ideológica e doutrinária. Em 1911 houve iniciativas de doutrinação entre os imigrantes vindos da Europa e da Rússia que se estabeleceram na região da Linha Doutor Pederneiras, por meio da pregação do pastor Willi Leimann⁴ e outros envolvidos neste trabalho. Os convertidos inicialmente se filiaram à Igreja Batista da Linha República, uma igreja pertencente à Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul⁵. A partir de 1912 alguns destes convertidos passaram a manifestar insatisfações com relação a igreja a qual estavam filiados. Heinrich Koch liderou os descontentes, que queriam abandonar algumas práticas que consideravam contraditórias com a sua interpretação bíblica. As discussões surgiram dentro da Igreja Batista da Linha República e estavam relacionadas a diferentes compreensões sobre o uso do fumo e da bebida alcoólica. Houve várias reuniões buscando equacionar a questão, mas os críticos que não concordavam com a plantação de tabaco e o consumo do fumo e da bebida alcoólica não se contentaram com as explicações dadas e buscaram uma oportunidade para romper com aquela igreja. O rompimento tinha um preço elevado, pois havia famílias divididas nas discussões (Berg, 1960, Áudio).

Esta vontade de ruptura fez com que o colono Heinrich Koch estabelecesse contato com o missionário Jansson, para que ele liderasse o grupo de batistas que estava descontente com a Igreja Batista da Linha República (Primórdios, 2011, p. 12-13), que no início era formado por cerca de 20 pessoas. Heinrich Koch (que se comunicava bem na língua

Chudniv, Lutsk, Dubno, Kremenetsk, Yampilsk, Bazalivsk e Starokanstantinovka Radomyshl. Do ano de 1795 até a Primeira Guerra Mundial todo o estado da Volínia pertencia à Rússia. Em 1920, no Tratado de Versalhes, a Volínia foi dividida entre a Rússia e a Polônia. O oeste foi anexado pela Polônia e o leste pela Rússia. Atualmente, a maior parte da antiga Volínia pertence à República da Ucrânia e uma parte menor à Bielorrússia. A Volínia foi uma terra com solos férteis, para a agricultura, lindas pastagens, enormes florestas com uma grande variedade de madeira. Ali, viviam muitos animais principalmente cervos, alces, cabritos montanhese e javalis selvagens. Também vários tipos de pássaros e os rios ricos em peixes. Tinha excelente clima com muita neve durante o inverno, verões quentes e prolongados e uma atmosfera seca e saudável. Tudo que se cultivava produzia bem.” Essa região foi ocupada por grande número de imigrantes alemães que, diante da miséria e fome, buscaram novas oportunidades de trabalho. Ao virem ao Brasil eram teuto-russos, com uma cultura hibridizada já, em contato com outros, para uma nova hibridização cultural. In. WUTZKE, Wilson. História do Imigrante Friedrich Wutzke – 100 anos. In. GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs; KREBS, Holdi (org.). *Caminhos percorridos pelos alemães da Rússia: na Colônia Guarani/Santa Rosa*. Santa Rosa: Fundo Municipal de Cultura, 2015, p. 25-34

4 WILLI LEIMANN “nasceu no dia 3 de abril de 1888 na Letônia e faleceu no dia 9 de novembro de 1962. Em 1894, seus pais emigraram para o Brasil. Depois de um breve curso teológico, dedicou-se ao trabalho missionário. De 1908 até 1921 foi pastor da Igreja Batista Leta da Linha 11, em Ijuí. De lá ele fez muitas visitas a outros grupos de batistas alemães em Ijuí e em todo o Estado. Teve parte ativa na organização da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul, de linhagem tradicional, e foi seu primeiro secretário de 1910 a 1916. Antes do tempo, ele se retirou da ativa. Cedo surgiram algumas complicações corporais, a tal ponto dele ficar cada vez mais quieto. Mesmo assim, acompanhou com muito interesse o desenvolvimento da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul.” In. *Jornal Missionsbote*, n. 1, jan. 1963, ano 37.

5 A CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS ALEMÃS DO RIO GRANDE DO SUL representa na atualidade o grupo de igrejas que compõe a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, de linhagem tradicional e de traços culturais germânicos.

portuguesa) e Friedrich Oswald⁶ foram visitar o missionário Jansson, que estava na casa da família Carlson, em Ijuí. Na conversa com o missionário perceberam que o grande desafio seria a comunicação. Jansson não falava alemão e nem mesmo português neste primeiro encontro, mas por meio de poucas palavras e gestos entenderam que deveriam trabalhar juntos. Ele foi convidado para visitar o grupo em 1912, período em que os convertidos ainda se reuniam nas casas em Pederneiras, principalmente na casa da família Fiedler (Berg, 1960, Áudio), passando a acompanhar o grupo com certa regularidade. Sem esta aproximação do missionário com os descontentes, a divisão da Igreja Batista da Linha República não teria acontecido ou seria em proporções muito menores do que foi (Valério, 2020, p. 115). O missionário se valeu da oportunidade para organizar o seu grupo de trabalho e expandir os interesses da missão sueca (Jansson, 1941, p. 123).

Em 1917, as discussões internas na Igreja Batista da Linha República se tornam mais intensas. Foi organizada uma conferência das igrejas batistas alemãs para discutir diversos temas, dentre eles a questão do tabaco. Um comitê foi formado para discutir o assunto e, Jansson, que estava hospedado na casa onde ocorreram as discussões, foi convidado a participar. Aqueles que queriam ter liberdade para plantar o tabaco pediam que seus opositores lhes fornecessem uma referência bíblica específica que proibisse seu cultivo. Obviamente ela não existe, por isso foi fácil para o comitê decidir que cada um teria liberdade para agir como quisesse, tendo em vista que os opositores eram a minoria. Para Jansson, o comitê era tendencioso, pois a maior parte dos componentes estava interessada no plantio do tabaco (Jansson, 1941, p. 123-124).

Jansson afirmou em seus escritos que evitou visitar membros da Igreja Batista da Linha República (mas os contatos aconteceram constantemente), e que após vários convites se propôs a ajudá-los a se organizarem como igreja novamente, baseados nos princípios que acreditavam ser os corretos e que coincidentemente convergiam com a sua proposta de trabalho (Jansson, 1941, p. 123-124). Esta saída da Igreja Batista da Linha República deixou marcas no relacionamento destes conhecidos. Por muitos anos houve a decisão de afastamento entre as igrejas (Igreja Batista Bethel, 1931, p. 172), embora estivessem separadas por poucos quilômetros de distância e fossem compostas por pessoas que eram parentes entre si. Foram os membros da Igreja Batista da Linha República que tomaram a iniciativa de aproximação, ao convidarem aqueles que saíram da igreja em 1917 para uma Festa de Ação de Graças, em 1931 (Igreja Batista Bethel, 1931, p. 172).

Após o afastamento da Igreja Batista da Linha República, os dissidentes se juntaram à Igreja sueca Bethel, na cidade de Guarani, e ficaram sob a direção de Jansson. Em 1918, os membros fundadores da Igreja Bethel, de origem sueca, exigiram que os alemães que haviam se tornado membros deixassem a igreja. A nova discussão envolvendo os dissidentes da Igreja Batista da Linha República foi ocasionada porque os teuto-russos se tornaram maioria na igreja sueca e, dentro do sistema de governo batista, pelo número passaram a tomar as decisões, principalmente de ordem cultural. Os suecos se sentiram prejudicados em sua própria igreja, exigindo a retirada dos que haviam se aproximado posteriormente. Os alemães saíram e receberam 800 mil réis pelo trabalho empenhado na construção da capela, o que eles aceitaram para evitar mais brigas (Jansson, 1941, p. 128). Nas duas rupturas manifestam-se claras relações de poder. É um poder simbólico, conforme apontado por Bourdieu, legitimado pela posição social de quem fala (Bourdieu, 1983, p. 89). No grupo, o missionário era a pessoa com maior capital simbólico – conhecimento da Bíblia – e, por isso, estava certo em suas considerações. A democracia teorizada pelo grupo era praticável enquanto todos pensavam de forma parecida. Fora isso, o grupo majoritário e detentor do poder simbólico impunha a sua vontade (Zanella; Prado Filho; Abella, 2003, 8(1), p. 85-91).

Jansson acompanhou o grupo de alemães e, em 14 de dezembro de 1918, ajudou-os na elaboração dos planos para a reorganização da Igreja Batista Bethel⁷ da Linha Doutor Pederneiras⁸, oficialmente fundada em 15 de

6 FRIEDRICH OSWALD foi eleito como ancião da igreja em 1922 e permanece no cargo por 32 anos ininterruptos. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 20 de fevereiro de 1954, p. 35.

7 A IGREJA ADOTA O NOME “BETEL” desde o seu início, dando continuidade ao nome que tinha quando ainda estava ligada aos imigrantes suecos. Na primeira ata fala-se da igreja como Igreja Batista Alemã Bethel, mas nas demais atas menciona-se apenas o nome Igreja Batista Bethel, retirando a expressão “alemã” e o “h” do nome Bethel. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 14.

8 O NOME DA IGREJA ESTÁ SEMPRE ASSOCIADO À LOCALIDADE – o lugar/terra tem importância singular para os imigrantes que colonizaram a região, a ponto de incorporarem o nome da localidade num dos seus principais elementos identitários: a comunidade religiosa. Todas as igrejas da Convenção Batista Independente de Língua Alemã carregam em seu nome alguma identificação com o lugar onde estão inseridas. É como se o lugar ocupasse posição central na construção destas identidades, e de fato era. “O lugar é tido como a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas. O sentimento de pertencimento ao lugar está relacionado ao trabalho acessório, às formas de solidariedade, às atividades lúdico-religiosas, às relações de parentesco e vizinhança e à perspectiva dos filhos em continuar na propriedade e na agricultura.” Nesta perspectiva, o lugar ganha a dimensão da segurança da continuidade da própria comunidade,

dezembro de 1918 e constituída de 163 membros⁹. Este número é a soma dos que se tornaram membros nas assembleias realizadas em dois dias consecutivos¹⁰: 15 e 16 de dezembro de 1918 (Jansson, 1941, p. 129). Como a ruptura com a igreja da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul se deveu, sobretudo, às diferenças no entendimento acerca da plantação de fumo e da ingestão de bebida alcoólica, na assembleia de fundação os presentes prometeram solenemente ao missionário que jamais plantariam fumo ou fariam ingestão de bebida alcoólica, e as pessoas que o fizessem seriam excluídas do rol de membros da igreja (Igreja Batista Bethel, 1918, p. 01). Criou-se a Igreja Batista Bethel, segundo os princípios abordados por Durkheim quando ele descreve as crenças religiosas, dizendo que

São comuns a determinada coletividade que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. São sempre pessoas admitidas a título individual, por todos os membros desta coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade. Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas, é o que se chama de igreja (Durkheim, 1989, p. 75).

A criação de comunidades independentes, como a Igreja Batista Bethel, seguia normalmente dois caminhos basilares: a estruturação física da nova comunidade e a sua organização simbólica do credo e do comportamento ritual, muitas vezes assimilando elementos de outros contextos religiosos, destoando do grupo do qual saíram¹¹. A fé se tornou a principal manifestação cultural deste grupo e passou a exprimir a identidade essencial dos Batistas Independentes. Nesta relação de cultura e identidade é importante notar que

A cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. A identidade existe em função da cultura e exprime suas características distintivas mais marcantes, atribuindo vínculos simbólicos que permitem estabelecer classificações de pertencimento, de inclusão ou de exclusão. A oposição referida é simbólica, centrada em códigos culturais particulares, que caracterizam cada grupo social e, dessa forma, “excludente” no sentido de identificação e de pertencimento a tal grupo (Cuche, 2002, p. 176).

pois é ele o espaço determinante de sua existência e funcionamento. In: MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, n.14, v.2, p. 58. Sobre esta relação entre o território e a identidade, Haesbaert escreve que “o território envolve sempre, ao mesmo tempo [...] uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.” In: HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional a partir da migração gaúcha no Brasil. *Território*, ano 3, n. 4, jan.-jun., 1998, p. 42.

9 NO SOMATÓRIO DE MEMBROS, em dois dias, a Igreja recém organizada tem 163 ou 164 membros em seu rol (147 ou 148 da primeira assembleia mais os 16 da segunda). O secretário da assembleia faz uma soma na ata, após a listagem dos membros fundadores, e chega ao número de 92 pessoas, mas contagens posteriores mostram que foram apenas 91 membros fundadores. Segundo os dados apresentados pelo missionário Jansson, o número é de 163 membros, o que aponta para um erro no somatório da primeira ata e está de acordo com as somas realidades posteriormente. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 16 de dezembro de 1918, p. 15-16. 101 dos 147 membros citados na primeira assembleia são alemães-russos, vindo em sua maioria da Volínia, o que equivale a cerca de 70% dos membros da igreja originários desta mesma região.

10 A ATA DE ORGANIZAÇÃO traz no final da parte 08, parte que corresponde aos fundadores da igreja, um somatório de 92 pessoas. Mas há apenas 84 nomes na lista. Quando se considera o nome de pessoas que receberam cargos e são listados no decorrer da ata, sem estarem na lista de membros fundadores, a constar Erik Jansson, Carl Welander, Josef Zimmermann, Gustaf Fischer, Julius Bloch, Rudolf Tonn, Hermann Vogel, chega-se à soma de 91 pessoas. Há a possibilidade de se incluir no somatório o nome de Johann Konrad, que era da igreja sueca e estava presente na reunião, mas é pouco provável que tenha sido membro da igreja. In: IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 02-08.

11 A respeito da fundação das comunidades livres: DREHER, Martin. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 55.

O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA BATISTA BETHEL

Reconhecendo o trabalho do missionário Erik Jansson, a Igreja Batista Bethel o convidou para ser o seu pastor em 02 de agosto de 1919. A votação, contudo, não foi unânime, por causa do posicionamento firme de Jansson naquilo que acreditava. A Igreja Batista Bethel não tinha um ano de fundação quando alguns membros passaram a questionar a legitimidade da proibição da ingestão de bebida alcoólica e da plantação de tabaco, elementos decisivos na organização deste grupo.¹²

A organização da Igreja Batista Bethel foi significativa para seus membros. Seyferth, em seus estudos sobre a cultura e a imigração, destacou a naturalidade destas aproximações ao dizer que

um dos efeitos mais importantes dessa situação é a aglutinação de pessoas da mesma origem (étnica ou regional) em grupos étnicos mais ou menos identificados com valores culturais próprios. Os elementos culturais valorizados são praticamente os mesmos, tanto para os colonos, como para os imigrantes, que permaneceram em áreas urbanas: entre eles destacam-se a conservação do idioma e dos costumes, sendo que a diferenciação se afirma sobre valores religiosos, morais, familiares, associativos, culturais (Seyferth, 1990, p. 83).

Como não tinham um templo, inicialmente passaram a se reunir debaixo de árvores, isso quando não chovia. Em assembleia decidiram que a casa do ancião da igreja¹³ seria considerada como o endereço oficial da comunidade até que se construísse uma capela para as reuniões (Igreja Batista Bethel, 1918, p. 10). Em sua segunda assembleia ordinária, em fevereiro de 1919, menos de dois meses após a sua organização, a comunidade decidiu pela construção da capela¹⁴ na Linha Doutor Pederneiras. Todos os membros deveriam ajudar no empreendimento, que seria dirigido por um comitê de construção¹⁵ eleito em assembleia¹⁶.

A ESTRUTURA COMO UM MARCO GEOGRÁFICO

Em 4 de outubro de 1919, a Igreja Batista Bethel passou a usar a sua nova capela na Linha Doutor Pederneiras (Jansson, 1941, p. 132). A inauguração oficial da capela ocorreu no dia seguinte e foi presidida pelo pastor Jansson (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 32-33). Esta capela foi ampliada em 1930 (Igreja Batista Bethel, 1930, p. 163). A comunidade em estudo ainda teve outras duas capelas. A primeira foi destruída por um incêndio acidental, ocorrido em 17 de março de 1942 e causado por uma fagulha levada pelo vento dos tocos de árvores queimados nas proximidades. Toda a construção, com seu imobilizado, foi perdida. Ela foi substituída por outra maior e mais moderna (Igreja Batista Bethel, 1927, p. 138).

A construção de um cemitério foi significativa para a fidelização de seus membros. Ao lado da capela da Linha Pederneiras já havia um imenso espaço destinado ao cemitério, cuja construção foi concluída em 1927. O cemitério era destinado aos membros, mas quem não era membro poderia ser enterrado ali mediante o pagamento de uma

12 O PRIMEIRO PASTOR DA IGREJA foi Erik Jansson, escolhido por votação, que tinha em sua assembleia 62 votantes e destes 31 votam a favor, 2 contra e 30 não se posicionam. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

13 ANCIÃO, PRESBÍTERO OU PRESIDENTE: as três designações foram usadas dentro da comunidade da Igreja Bethel para se referir ao principal líder da igreja e que não era o pastor. A expressão corresponde ao substantivo alemão *Ältester*, que carrega consigo a ideia de alguém experiente primeiramente. Com a institucionalização da igreja, passou-se a chamar o ancião de presidente. Em alguns momentos a Igreja teve um ancião para cuidar das questões espirituais e um presidente para os assuntos administrativos.

14 PARA A CONSTRUÇÃO DA CAPELA decidiu-se que cada família deveria doar 3 mil réis para a aquisição do material para a construção e o pagamento de eventuais despesas com mão de obra. Mas, apesar de toda esta organização, as questões teológicas relacionadas às proibições da igreja geraram muito desgaste e investimento de tempo, atrasando a construção da capela. Outro motivo para a demora estava relacionado a dificuldade de se conseguir tábuas para a construção. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 26 de março de 1969, p. 230; IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

15 O COMITÊ DE CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA CAPELA era composto pelos seguintes membros, representando as diferentes Linhas: da linha Pederneiras, os irmãos Rudolf Fischer e Gottfried Kelm; da linha Abrantes, o irmão W. Steinbremer; da linha 23 de Julho, o irmão Julius Bloch; da linha 8 de Agosto, o irmão Heinrich Koch e da linha 7 de Setembro, A. Schulz. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 8 de fevereiro de 1919, p. 17.

16 OS COMITÊS são uma característica dos batistas para a realização de trabalhos maiores. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 8 de fevereiro de 1919, p. 17.

taxa. Pertencer à igreja representava ter a segurança de um enterro “digno”, o que era uma forma de dominação e sujeição dos membros, que faziam de tudo para permanecer na Igreja para serem enterrados em seu cemitério (Igreja Batista Bethel, 1927, p. 138).

O espaço físico é significativo para as comunidades batistas. Ele é um marco na sociedade e, em muitos contextos, fazia frente ao catolicismo (Seyferth, 1990, p. 51). A construção criou um ambiente por meio do qual se persuade pela aparência. É um capital simbólico usado pela religião em termos de convencimento dos fiéis. Desta forma os elementos não verbais comunicam tanto quanto a pregação ou, em outra perspectiva, a pregação é empoderada pela marca visível na sociedade (Storto, 2015, p. 50).

Logo em seu início, percebe-se uma estrutura básica de funcionamento na Igreja Batista Bethel, com cargos definidos. Na ata de organização estabeleceu-se que a liderança desta comunidade será feita pelo ancião/presidente que, junto com o segundo ancião, o secretário, o tesoureiro, os diáconos e os revisores de caixa comporiam a diretoria. Além destas funções, a comunidade escolheu os regentes dos corais e professores para a Escola Bíblica Dominical. Esta foi a estrutura básica da Igreja Batista Bethel que se mantém até a atualidade¹⁷.

Também se evidenciou a estrutura congregacional de governo na Igreja Batista Bethel, em que a assembleia¹⁸ é o fórum oficial das decisões e todos os membros têm o direito de expressar a sua opinião e o de votar quando uma questão é debatida. No início as assembleias eram bem frequentes, ocorrendo de dois em dois meses, no domingo que antecedia a lua cheia. Mais tarde, passaram a ocorrer de três em três meses e, a partir da década de 80, deixaram de ter uma regularidade fixa, ocorrendo quando necessário, ao final do culto de ceia, além de uma assembleia anual na qual as pessoas eram escolhidas para os cargos.

Além de ampliações na estrutura física, ocorreu a estruturação legal da Igreja Batista Bethel. O missionário Jansson apresentou à assembleia da comunidade o primeiro texto do que se tornaria o estatuto¹⁹ da Igreja.²⁰ Este material escrito foi lido em uma reunião e aprovado pela maioria (Igreja Batista Bethel, 1934, p. 231-241). No ano de 1935, a igreja foi registrada com o nome “Betel”, embora este nome já fosse usado deste seu início e aparecesse em documentos desde 1924 (Igreja Batista Bethel, 1978, p. 69). A nova concepção estatutária reflete o processo de reterritorialização²¹ oficial do grupo. Ocorre no processo uma modificação, com a necessidade de adaptação e transformação dos códigos, para que a mudança seja efetiva (Claval, 1999, p. 159).

Todos os investimentos estruturais foram realizados com a ajuda e a contribuição voluntária dos membros da igreja. Todos puderam participar, mas nem todos se envolveram. Em 1973, a igreja chegou a cogitar a possibilidade de mencionar em assembleia o nome dos membros que não contribuíam financeiramente com

17 ELEITOS para os cargos na primeira assembleia: Daniel Bieler como ancião e presidente; Johann Schulz como secretário; Johann Oswald como tesoureiro; Fridrich Oswald como segundo ancião e vice-presidente; Rudolf Fischer como vice-secretário. A igreja elegeu também os seguintes diáconos: Ludwig Weiss para a linha Abrantes; Stefan Wolter para a linha Pederneiras e 13 de Maio; Josef Zimmermann para a linha 23 de Julho; Gustaf Fischer para a linha 8 de Agosto; Eduard Lechner para a linha 7 de Setembro. Ludwig Arndt foi escolhido como dirigente do coral e da orquestra de sopro da Linha Pederneiras e Gustaf Fischer como dirigente do coral da Linha 8 de Agosto. Como dirigente da escola dominical foi escolhido Daniel Bieler, auxiliado pelos professores: Andreas Schulz na Linha 7 de Setembro; Julius Bloch com o auxiliar Rudolf Tonn para a Linha 23 de Julho; e Hermann Vogel para a Linha Pederneiras. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 08-09.

18 A SERIEDADE DAS DISCUSSÕES DAS ASSEMBLEIAS é evidenciada pela frequência de seus membros e pelos assuntos tratados. Elas regem a vida da comunidade e a vida pessoal. Estabelece-se, para um bom andamento das assembleias, algumas regras parlamentares, dentre as quais se destaca que cada membro tinha direito a três manifestações apenas. Se quisesse se pronunciar mais uma vez, dependia de autorização especial da assembleia. As regras são formuladas devido aos excessos. Todos os assuntos polêmicos (alguns constrangedores, como embriaguez e adultério), eram apresentados abertamente na assembleia, expondo as pessoas. Este tipo de exposição gerava grandes discussões e polarizações, pois as pessoas mais próximas tendiam a defender o acusado e os mais distantes desejavam punir com a exclusão. Algumas assembleias foram marcadas por xingamentos. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de fevereiro de 1922, p. 78.

19 OS ESTATUTOS EXERCEM DOMÍNIO. Eles são enquadrados por Weber como *dominação legal*, apontando para leis e orientações estabelecidas por um grupo de indivíduos, que são aceitas e obedecidas formalmente pelos demais. Estas regras podem definir a conduta das pessoas em seu âmbito particular como também coletivo. Neste princípio não se obedece a uma pessoa, mas à regra instituída, que é usada pela classe dirigente para reger a vida comum. In. WEBER, M. *Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft. Wirtschaft und Gesellschaft*. 4. ed. organizada e revista por Johannes Winkelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1956, v. 2. p. 551-558.

20 O PRIMEIRO ESTATUTO foi redigido nos bastidores. Não se sabe ao certo quais pessoas estavam envolvidas na redação ou se ele foi elaborado apenas pelo missionário. Ele é instrumento de regimento da comunidade e tem papel oficial na organização deste grupo religioso. Um pormenor interessante é que o escrito foi redigido na língua alemã e depois traduzido para o português, visando através dele fazer o registro oficial da instituição. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 17 de novembro de 1934, p. 231-241.

21 RETERRITORIALIZAÇÃO é um conceito que provém da geografia e é trabalhado principalmente por HAESBAERT, R., na obra *Identidades territoriais*. In. ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190. Para mais informações sugere-se a leitura da obra.

os trabalhos (Igreja Batista Bethel, 1973, p. 32. Estabeleceu-se na década de 80 um valor de contribuição por membro, para que a igreja conseguisse atender as diferentes demandas: a escola, o cemitério, a compra de um carro, o sustento pastoral. Mas a contribuição voluntária é o marco desta comunidade, como também das outras que surgem a partir dela. As divergências internas alteravam as entradas, pois os descontentes paravam de contribuir financeiramente com a comunidade. A insatisfação com os pastores foi o principal elemento de discórdia na Igreja Batista Bethel (Igreja Batista Bethel, 1978, p. 69).

O ENVOLVIMENTO SOCIAL COMO MARCO DE PRESENÇA

Um dos trabalhos sociais sustentados pela Igreja Batista Bethel foi a sociedade escolar por ela organizada. Em 1919 há registros de comentários de membros mais idosos que destacaram a importância do estudo para os filhos dos colonos²². Na assembleia de 29 de novembro de 1919, um membro foi drástico ao dizer que a falta de uma escola para os filhos fazia com que eles “crescessem como bois”, o que foi extremamente ofensivo para os demais. Este membro se retratou na assembleia seguinte, pedindo desculpas pela infeliz expressão, mas o seu pensamento surtiu efeito (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 33-34).

Diante da necessidade do ensino formal, a Igreja Batista Bethel decidiu contratar um professor. Não há o registro do seu nome nas atas, mas sabe-se que seu sobrenome era Steinbrenner. Este senhor foi escolhido como professor das crianças, com salário de 50 mil réis. Cada família deveria contribuir com 10 mil réis por ano, tendo ou não filhos na escola. Quem tivesse filhos matriculados, deveria acrescentar ao valor mais mil réis por mês. Motivações religiosas podem ser percebidas na criação da escola para os filhos dos membros da Igreja Batista Bethel. Havia o interesse de que não estudassem com católicos e luteranos (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 33-34). As escolas confessionais eram um reforço na transmissão dos conceitos religiosos pretendidos pelas comunidades (Gardolinski, 1977, p. 13).

Com o crescimento da escola, criou-se uma Sociedade Escolar. Esta sociedade pediu autorização da igreja para a construção de uma escola em alguma propriedade da Igreja Batista Bethel (este local não pôde ser identificado), e a assembleia autorizou a construção (Igreja Batista Bethel, 1925, p. 123). Com o passar dos anos, esta escola desapareceu dos registros e é provável que tenha sido assimilada pela iniciativa pública, uma vez que uma escola estadual surgiu na região em que estava situada esta escola confessional. Também é possível que esta falta de citação esteja vinculada ao período da Nacionalização (1937-1945)²³ e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)²⁴, que praticamente extinguiu as assembleias e trouxe implicações sobre a escola na qual se lecionava em alemão.

Vale destacar a importância dessa escola alemã, pois a língua é fator decisivo de identificação interna e de expressão das crenças. “Religião se expressa, entre outros modos, por meio da língua. O caráter da língua influencia a forma da expressão religiosa; às vezes, também o conteúdo. Palavras perdem e ganham os seus significados no processo de tradução” (Droogers, 1984, p. 29). Como identificadora de um determinado grupo social, a língua adquire o papel de “um código essencial em virtude do seu caráter relacional, responsável pela inter-relação, comunicação e difusão cultural”, ou seja, “é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e se fazer compreender” (Saussure, 1969, p. 92). Além de ser um elemento estruturado no contexto cultural das comunidades Batistas Independentes de Língua Alemã, a língua é elemento estruturante, transmitindo os valores e preceitos a serem seguidos pelos novos grupos que foram originados.

22 SOBRE AS ESCOLAS RURAIS, Seyferth destaca que elas não surgiram por motivos étnicos apenas, mas, sobretudo, “porque o governo brasileiro não deu atenção à questão do ensino e, o que é mais grave, ao ensino primário, nas regiões povoadas com imigrantes. In. SEYFERTH, 1990, p. 28.

23 A NACIONALIZAÇÃO E A PROIBIÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: “Pelo Decreto-Lei nº 406 de 04 de maio de 1938, nos Artigos 85, 86 e 87, o Presidente Getúlio Vargas proibiu o uso de línguas estrangeiras no ensino escolar e censurou a publicação de obras em línguas estrangeiras In. BRASIL. *Decreto-lei n.º 406 de 4 de maio de 1938*. LEX: Coletânea de legislação com notas coordenadas e índices sistemáticos, organizada pelo plano de autoria do advogado Dr. Pedro Vicente Bobbio. Legislação Federal. São Paulo: Lex, Ano II, p. 172, 1938. Seção 1.

24 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL trouxe desafios para as igrejas com imigrantes alemães. Com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, um movimento popular fez com que estabelecimentos comerciais de alemães fossem depredados. “Foi promulgado um decreto-lei contra os estrangeiros oriundos dos países do Eixo. Com esta lei tornou-se quase impossível a realização dos cultos nestas comunidades de imigrantes.” In. CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. *Os pioneiros: 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil*. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010, p. 59.

UM SISTEMA DE GOVERNO COMO UM MARCO DE PERTENCIMENTO

A Igreja Batista Bethel, por meio das suas assembleias, tentava regulamentar a vida das pessoas. Casamentos, questões de propriedade, o envolvimento ou não das autoridades civis em determinados assuntos, moralidade e outras questões eram decididas pela assembleia. Dentre os assuntos abordados pela assembleia com repercussões sobre a vida particular dos membros estava a questão dos casamentos. Noivados com pessoas de fora da comunidade dependiam de autorização. Várias pessoas foram excluídas por se casarem com quem não era da Igreja Batista Bethel. O pastor da igreja não tinha autorização para realizar casamentos “mistos” (Igreja Batista Bethel, 1922, p. 85). Somente a partir de 1945 é que se percebe uma postura de diálogo mais presente na igreja e em assembleia decidiu-se não excluir automaticamente aqueles que casavam com não membros (Igreja Batista Bethel, 1945, p. 10). Para a preservação e a manutenção cultural, o efeito de regular sobre a formação das famílias foi de fundamental importância, inibindo a entrada de pessoas de cultura diferente, recurso usado pela igreja com o assentimento das famílias. Esta atividade reguladora das assembleias e a exclusão sumária de membros que transgredissem as leis impostas pela liderança limitava muito o conceito de democracia defendido pelo grupo.

O conjunto das instituições étnicas se completa com a família, reduto íntimo da etnicidade, pois cabe a ela socializar os filhos como membros do grupo. A família é concebida nestes termos na maior parte dos grupos aqui focalizados: no contexto étnico o papel principal é o controle familiar sobre os casamentos, o que supõe o controle sobre a endogamia (Seyferth, 1990, p. 84).

A assembleia e os cultos eram vistos como os dispositivos reguladores da vida diária dos membros da comunidade. A autoridade utilizada nesta orientação provém do “sagrado que lhe empresta este caráter de objetividade, necessário nestes dispositivos” (Radünz, 1996, p. 88). Como provém de uma dimensão superior, teoricamente livres de opiniões pessoais e transmitidos por um representante legal reconhecido pela comunidade e denominado de *pastor*, geralmente os posicionamentos estão acima de qualquer crítica ou de discussões (Radünz, 1996, p. 88).

Esta visão superior também se manifestava no sentido da vigilância. Mesmo sem o pastor presente em todos os lugares, os diferentes diáconos representando cada uma das Linhas onde os membros moravam, eram os “olhos” do principal líder da igreja. A própria teologia batista fala de um Deus onipresente e onisciente que está presente em todas as esferas da vida humana e conhece todos os seus caminhos. Isso aponta para um claro sistema de vigilância, trabalhado por Foucault a partir do termo *panóptico*²⁵.

Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, aborda o tema *Sociedade Disciplinar* e percebe que há, na modernidade, com o nascimento das novas tecnologias, uma preocupação nos mecanismos de poder em normatizar a população, evitando os desvios às normas estabelecidas. Se a pessoa se sente vigiada o tempo todo, ela tende a viver segundo a regra imposta. Foucault chama esta normatização de adestramento (Foucault, 2012, p. 132).

O Panóptico [...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é [...] que as pessoas se encontrem presas numa situação de poder de que elas mesmas são as portadoras [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas (Foucault, 2012, p. 170).

25 O PANÓPTICO “foi um projeto de construção arquitetônica idealizado por Jeremy Bentham, no final do século 18, como forma ideal para as prisões inglesas. O projeto previa a construção de celas individuais, dispostas num círculo (preferencialmente, mas não necessariamente), em cujo centro ficaria uma torre de vigilância. A partir desse centro, seria emitida uma luz para cada uma das celas, fazendo com que os presos não vissem o guarda (a quem Bentham chama de inspetor) nem soubessem se, efetivamente, havia ali alguém os vigiando (como citado acima, caso não pudesse estar sendo observado de fato, o detento deveria pensar que estava sendo). Cada cela abrigaria apenas um detento, impedindo, assim, sua comunicação com os demais.” In. ZIMMER, Marco Vinício. *O panóptico está superado?* Estudo etnográfico sobre a vigilância eletrônica. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009, p. 26.

O modelo de construção lança luz sobre diferentes formas de controle exercidas na vida pública. A Igreja Batista Bethel manteve o controle de seus membros por meio de seus líderes (a escolha de líderes era uma forma de empoderamento de alguns membros que se submetiam primeiramente às regras e delatavam os que não agiam da mesma forma), das assembleias, do estatuto e do discurso teológico, punindo os transgressores e recompensando com cargos e reconhecimento os que se submetiam às doutrinas estabelecidas. Nesta linha, já argumentava Foucault, lido por Marinho, que

a “sanção normalizadora” – a qual funciona através de sanções medidas e de punições que se colocam como medidas de correção para os comportamentos desviantes, e que surge do exercício da disciplina a qual “traz consigo uma forma específica de punir e que é apenas um modelo reduzido do tribunal”. O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios e, portanto, deve ser essencialmente corretivo. A punição funciona como uma gratificação-sanção, e é esse sistema que vai incidir no processo de treinamento e de correção (Marinho; Reis, 2014, p. 73).

UM SISTEMA CULTO COMO UM MARCO DE MULTIPLICAÇÃO

As reuniões nas casas evidenciam uma característica da Igreja Batista Bethel preservada em toda a sua história e que foi usada para a construção do ideal convencional: é uma igreja só que se reúne em diferentes lugares. Os membros se encontravam na sua localidade aos domingos e, uma vez por mês, deslocavam-se para celebrar um culto onde todos se agrupavam no mesmo lugar, sendo num mês na Linha Doutor Pederneiras; no outro, na Linha 8 de Agosto; no outro; na Linha 7 de Setembro e ainda no outro, na Linha 23 de Julho. Estas reuniões nas localidades originam as congregações. Os diáconos²⁶, escolhidos pela comunidade, eram representantes de todas as Linhas onde moravam os membros, sendo os responsáveis por organizarem os cultos de oração (Igreja Batista Bethel, 1918, p. 09) nas casas nestas localidades (Igreja Batista Bethel, 1918, p. 09).

Os cultos eram o ponto alto da celebração em comunidade. Eles eram semanais, além de outras reuniões menores. Para que se entenda a importância dos cultos pode-se mencionar a repreensão pública em assembleia de um membro que saiu do culto antes de seu término, indo para a casa de um vizinho. Ao ser repreendido, o membro da igreja se justificou dizendo que durante o culto ele teve uma dor de cabeça e decidiu ir para casa, mas no caminho ele melhorou e por isso foi para a casa de um amigo, pois não dava tempo de voltar ao culto. A não participação nos cultos gerava questionamentos e tensões que apareciam nas discussões das assembleias. Havia um temor significativo de ser apanhado em uma falta, pois o assunto era exposto em público. Novamente o controle panóptico se manifesta na vida em comunidade (Igreja Batista Bethel, 1920, p. 77).

“Quem quiser tomar parte no culto da comunidade é obrigado a portar-se como homem devoto e civilizado. Nenhuma pessoa poderá perturbar a ‘devoção da comunidade durante a pregação, o Batismo e a Santa Ceia com saídas desnecessárias” (Gramsci, 1989, p. 27).

Dos cultos, o mais importante e mais frequentado era o de ceia, que acontecia mensalmente. Ele representava o ponto alto da comunhão dos membros, bem como servia de termômetro do nível de envolvimento do membro com a sua comunidade. Em assembleia estabeleceu-se que a pessoa que não participasse por três vezes consecutivas dos cultos de ceia, teria que responder à assembleia os motivos da sua ausência. Não se encontrou nenhum livro de presenças na comunidade e nem mesmo pessoas responsáveis por este trabalho. Também não há registros de exclusões por falta nos cultos de ceia. Provavelmente este regramento buscou intimidar e obrigar os membros a participarem dos encontros mensais, e pelo registro mostra que surtiu efeito. A dificuldade está na assimilação do

²⁶ OS DIÁCONOS eram as pessoas responsáveis pelo acompanhamento mais próximo dos membros. Eles sempre foram designados por Linhas, estando desta forma ao lado daqueles sobre os quais eram responsáveis. Eles atuavam como uma espécie de juiz, cuidando de diversas áreas da vida das pessoas, principalmente da questão da moralidade. Nas suas atribuições, a assembleia estabeleceu que os Diáconos: 1) devem servir nos cultos de ceia; 2) auxiliar os presidentes a verificar se os membros vivenciam a vida cristã no seu dia a dia; 3) visitar os enfermos; 4) fazer o recolhimento das ofertas e 5) cuidar da sua própria vida e ser um bom exemplo. *In. IGREJA BATISTA ALEMÁ BETHEL. Livro de atas 01, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 09.*

próprio conceito por alguns dos membros, que passaram a entender que participar do culto de ceia era suficiente para pertencer à comunidade (Igreja Batista Bethel, 1922, p. 78).

Nos cultos, a centralidade da programação girava em torno da leitura da Bíblia. Havia profunda reverência pela leitura do Texto Sagrado, tanto que as pessoas que chegavam atrasadas aos cultos, bem na hora da leitura da Palavra de Deus, não podiam entrar no templo. Elas deveriam esperar fora deste até que a leitura fosse finalizada. Esta ação de repreensão aos membros atrasados esteve presente nas duas primeiras décadas de atividades da Igreja Batista Bethel. (Igreja Batista Bethel, 1934, p. 221).

A participação dos ritos litúrgicos era uma obrigatoriedade aos membros, uma vez que neles

os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular. Essas condições de vida impostas, ou seja, a demarcação do que é lícito e do que não é lícito, é sistematizada pela religião, fundamentando-se, desta forma, a moral da convivência (Geertz, 2008, p. 133-134).

Toda a programação dos cultos era em língua alemã²⁷, comum aos membros da igreja. Não há nas primeiras décadas de trabalho uma preocupação em atingir pessoas que não falassem o alemão. Em 1940, durante o período da Nacionalização, a igreja até comprou duas Bíblias na língua portuguesa, o que pode parecer algo insignificante, mas já aponta para pequenas mudanças, com o hibridismo cultural se manifestando, impulsionado pelas repreensões (IGREJA BATISTA BETHEL, 1940, p. 298.²⁸

UM SISTEMA TEOLÓGICO COMO UM MARCO DISTINTIVO

Os ideais pentecostais se fazem presentes em toda a história da Igreja Batista Bethel, bem como elementos do contexto batista tradicional²⁹. Um exemplo dos traços do pentecostalismo clássico europeu é a aversão à ingestão de bebida alcoólica, que não era refutada no meio batista tradicional³⁰. Na sua segunda assembleia ordinária, em 1919, os membros da igreja tiveram uma séria discussão acerca da produção de vinho de um dos membros e excluíram outro que havia se embriagado em uma festa de batismo (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 17). Qualquer ação dos membros que se aproximasse da ingestão de bebida alcoólica ou da utilização de tabaco era rapidamente reprimida pela igreja com medidas severas. Os membros foram proibidos de todas as atividades análogas, como fazer frete de bebida alcoólica e de tabaco em suas carroças (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 20).

As décadas de 50 e 60 foram marcadas pela intensificação dos ideais pentecostais na igreja e uma aproximação com o pentecostalismo brasileiro³¹, representado principalmente pela Igreja Assembleia de Deus. Muitas proibições foram instituídas pela assembleia, em sua maioria relacionadas a usos e costumes³², sendo as mulheres o alvo principal³³ das ações disciplinadoras:

27 OS CULTOS EM LÍNGUA ALEMÃ perpassam a história da igreja. Mesmo no ano de 2018, cem anos após a fundação, os principais cultos da Igreja Batista Independente Betel são em língua alemã. Mesmo no período da Nacionalização a igreja não aderiu à prática dos cultos em língua portuguesa. A partir da década de 80 algumas programações, como o culto dos jovens e a EBD, deixam de ser em língua alemã.

28 IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 03 de fevereiro de 1940, p. 298.

29 ELEMENTOS batistas tradicionais permanecem arraigados na nova igreja que surge. Um exemplo é a utilização nos cultos do Hinário alemão “*GlaubensStimme*”. Este hinário é característico da denominação batista tradicional. Na assembleia de organização canta-se o Hino de número 394. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 01. O *GlaubensStimme* era utilizado nos cultos públicos na Volínia. In. MILLER, Donald N. *The German Baptist Movement in Volhynia*. Disponível em: <www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2018. Artigo em PDF, p. 09.

30 A INGESTÃO DE BEBIDA ALCOÓLICA NO MEIO BATISTA TRADICIONAL não é tida como um desvio doutrinário. As igrejas que seguem esta forma de pensar não condenam a ingestão de bebida alcoólica, mas sim a embriaguez e o vício.

31 O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO pode ser identificado a partir de três “ondas”: a primeira no início do século XX, em 1910; a segunda, a partir de 1950 e a terceira onda a partir de 1980. “Enquanto na primeira onda a ênfase cai sobre as ‘línguas’, na segunda onda a ênfase estava na ‘cura’, e na terceira se enfatiza a ‘batalha espiritual’”. FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993, p. 95.

32 OS USOS E COSTUMES foram o foco do debate em todas as igrejas batistas independentes nas décadas de 60 e 70. No livro *Princípios da Nossa Fé* há a nota de que a Convenção nacional não realizou nenhuma atualização doutrinária na década de 70 por causa destas discussões envolvendo os usos e costumes. In. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. *Princípios da nossa fé*. 19. ed. Campinas: Batista Independente, 2014, p. 5.

33 AS AÇÕES DISCIPLINADORAS RECAEM SOBRE AS MULHERES. É interessante verificar que no contexto mundial há um movimento de valorização e reconhecimento da mulher. “O movimento feminista organizado teve origem nos Estados Unidos na década de 60 (sessenta), e logo depois, alastrou-se pelos países do Ocidente. Sua principal proposição era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação [...] Nos primeiros anos da década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, num contexto em que o movimento feminista no mundo vai se configurando como uma luta não só por espaço político e social, mas como uma luta por uma nova forma de relacionamento entre homem e mulher. Fica a dúvida se esta ‘correção’ da mulher no meio eclesial se deu por questões doutrinárias ou se foi uma resposta a um movimento social de repreensão da mulher, considerada agitadora da sociedade ao reclamar por seus direitos.” In. ALVES, Ana; ALVES, Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*, 29 a 31 maio 2013, Fortaleza, p. 113-117.

elas foram proibidas de cortar os cabelos³⁴; os membros não podiam assistir a espetáculos de circo; brigas físicas seriam punidas com exclusão; não eram autorizados a vender cigarros em seus estabelecimentos comerciais; não podiam participar de cooperativas (esta decisão foi anulada na assembleia de 1959); foram proibidos de jogar futebol (Igreja Batista Bethel, 1954, p. 34); não deveriam colher sua plantação nos feriados e domingos³⁵ e nem passear nestes dias (Igreja Batista Bethel, 1961, p. 123).

Mas as proibições não solucionaram as demandas que surgiram em torno destes assuntos. Em praticamente todas as assembleias pessoas foram disciplinadas por desvios de conduta relacionados aos temas. Em uma das assembleias, no ano de 1929, buscou-se inclusive voltar atrás na decisão de proibir o consumo de bebida alcoólica e a plantação de fumo. Nesta assembleia o ancião da Igreja Batista Bethel questionou sobre o que se deveria fazer com os membros que plantavam uvas e fabricavam o vinho³⁶. O pregador Jansson respondeu que vinho sem álcool poderia ser ingerido. Também esclareceu que para fins medicinais e para a ceia o vinho (de preferência sem álcool) poderia ser utilizado, mas, segundo o missionário, o vinho não tem muitas propriedades benéficas. Jansson explicou ainda que o apóstolo Paulo, na Bíblia, recomendou a seu discípulo Timóteo a ingestão de vinho por causa dos seus problemas estomacais, evidenciando que este vinho era, com absoluta certeza, sem álcool, porque o álcool faz mal para o estômago. Vários membros participaram com seus comentários sobre a questão³⁷, alguns defendendo a não exclusão dos membros que ingeriam bebida alcoólica. Uma justificativa levantada para a fabricação de vinho foi a renda que ele geraria para as famílias e, conseqüentemente, para o caixa da comunidade e para o trabalho missionário. Também como defesa da questão mencionou-se o fato de Jesus ter se referido a Si mesmo como sendo a videira verdadeira. Como resposta, Jansson disse que o pecado não está na videira, mas na utilização do produto para bebidas alcoólicas. O ancião chegou a pôr a questão em votação, dizendo que a igreja deveria decidir: ou abandonar o vinho ou a missão sueca, mas o missionário Jansson enfatizou que a questão não está na missão, mas em fazer o que é certo! Então, para preservar a seu doutrinamento pentecostal, a Igreja continuou a se posicionar de forma firme e incisiva, excluindo automaticamente qualquer membro que infringisse as regras e não se retratasse imediatamente após o ocorrido (Igreja Batista Bethel, 1919, p. 24-26).

Havia na igreja o desejo de ser um marco para a sociedade na qual ela estava inserida. O rigor disciplinar mostra esta preocupação. Além disso, toda a estrutura física e organizacional enfatizava a existência da igreja (Igreja Batista Bethel, 1941, p. 12).

Quando se olha para a comunidade, pode-se perceber o tradicionalismo pentecostal manifesto de diferentes formas, mas retratado significativamente nestes itens: *as emoções, a ascese, o estudo, a musicalidade, a estrutura eclesiástica e a liturgia*. Na questão das emoções a igreja estava mais para o movimento batista tradicional, provavelmente influenciados pela própria identidade étnica: teuto-russos. Eram menos receptivos e menos expressivos. Por outro lado, se tornaram mais pentecostais pela ascese enfatizada, restringindo seus membros de diversas práticas populares em solo brasileiro. A ênfase no estudo e a estrutura eclesiástica batista se aproximam mais do movimento batista tradicional, já que têm escolas, incentivam o estudo e se organizam numa estrutura de governo congregacional e convencional. Em compensação, a musicalidade e a liturgia evocam o sentimentalismo, a liberdade e a participação de todos, características presentes no movimento pentecostal (Hall, 2003, p. 47).

34 AS QUESTÕES RELACIONADAS À MODA se tornam assuntos das assembleias. Na década de 70 as regras relacionadas às mulheres se tornam mais rígidas. Elas são instadas a não seguirem a moda da época, que incentivava o uso de vestidos curtos e a pintura das unhas e do rosto. As restrições voltadas aos cortes de cabelo e jogos de futebol são novamente mencionadas em 1979. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 12 de outubro de 1970, p. 10; *Livro de Atas 04*, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

35 TRABALHAR NOS FERIADOS SANTOS E NO DOMINGO foi motivo para repreensão em assembleia. Na década de 70 alguns membros foram exortados publicamente por colher num domingo. Para esclarecer em quais dias os membros não podem trabalhar, o assunto foi discutido em assembleia. Decidiu-se que os dias santos seriam: primeiro dia de Natal, dia 1º de janeiro, Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão de Jesus, Primeiro dia de Pentecostes e Finados. Mas ficou a dúvida sobre a questão dos horários em que não se poderia fazer as atividades. O pastor Ahlert sugeriu que da meia-noite de sábado a meia-noite de domingo nada se fizesse; já a assembleia, em sua maioria, decidiu que não se podia trabalhar do nascer do sol ao pôr do sol de domingo, mas na assembleia seguinte decidiu-se pela proposta do pastor, ou seja, não se poderia trabalhar nas 24 horas do domingo. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 29 de janeiro de 1972, p. 24; ata de 09 de dezembro de 1972, p. 29.

36 AS DISCUSSÕES SOBRE O VINHO E O TABACO foram tão intensas que em assembleia o ancião Daniel Bieler desabafou, colocando seu cargo à disposição. Ele se sentia “pequeno demais” (palavras do ancião) para um trabalho tão grande. Mas a igreja o apoiou e incentivou a permanecer no cargo. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 07 de junho de 1919, p. 28. Mesmo 10 anos depois da organização da igreja, o assunto relacionado ao vinho e ao tabaco continuava ocupando espaço nas assembleias. Em 1929 houve um longo debate sobre a exclusão ou não de um membro por prestar serviço de transporte de tabaco para um comerciante. Fez-se uma votação que teve como resultado: 10x9 contra a exclusão. O pastor temia as conseqüências e se eximiu de responsabilidade. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 03 de junho de 1929, p. 153.

37 KARL OSKAR WELLANDER, acerca da produção de vinho e ingestão de bebida alcoólica, se posicionou contra os dois e em assembleia citando diversos textos para mostrar que o testemunho cristão era mais eficiente sem a bebida. Ele sugeriu que os membros deveriam pedir a orientação de Deus sobre a questão do vinho, para encontrarem a resposta se deveriam ou não o comercializar. Em sua fala mais enfática relembrou a igreja da sua primeira assembleia para defender que os membros não poderiam fabricar vinho e nem ingerir bebida alcoólica. Ele mencionou que todos (47 pessoas) votaram a favor disso, encerrando a discussão no momento. In. IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 21 de maio de 1919, p. 24-26.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de convicções teológicas e pessoais, esses imigrantes teuto-russos, sem uma intencionalidade específica – pelo menos não se consegue notar isso – criaram uma nova denominação religiosa que consegue abarcar dois grupos religiosos que historicamente se veem como excludentes: tradicionais e pentecostais. A realidade manifesta entre os batistas independentes pode ser objeto de estudo visando uma aproximação e equilíbrio entre grupos religiosos tão divergentes, que de alguma forma acabaram encontrando pontos convergentes e, principalmente, elementos secundários que podem ser deixados de lado.

A Igreja Batista Bethel se tornou um modelo representativo para as demais igrejas que surgiram a partir dela. A forma de pensar, a estrutura e a liturgia foram replicadas ao ponto dessas comunidades se juntarem mais tarde num agrupamento denominado Convenção.

A história dessa comunidade religiosa se torna ainda mais significativa quando se observa o lugar onde ela surgiu. No interior do Rio Grande do Sul, num local de intenso fluxo migratório, com várias culturas em contato, um grupo religioso consegue fazer com que a sua forma de pensar alcance diferentes lugares. Muito desse processo de expansão se deu exatamente da forma como começou: acompanhando as pessoas que iam migrando a diferentes regiões.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana; ALVES, Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*, 29 a 31 maio 2013, Fortaleza.
- BERG, Olavo. *Entrevista com Henrique Koch e participação especial de Lisa e Alfredo Winderlich*. Pelotas, 18 de fev. de 1960. 9ª Assembleia das Igrejas Batistas Independentes do Brasil. Áudio.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. *Decreto-lei n.º 406 de 4 de maio de 1938*. LEX: Coletânea de legislação com notas coordenadas e índices sistemáticos, organizada pelo plano de autoria do advogado Dr. Pedro Vicente Bobbio. Legislação Federal. São Paulo: Lex, Ano II, p. 172, 1938. Seção 1.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. *Os pioneiros: 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil*. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010.
- CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. *Princípios da nossa fé*. 19. ed. Campinas: Batista Independente, 2014.
- CUCHE, Denys. *La noción de cultura em Las ciencias sociales*. Tradução: Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *Zum gedenken na die 50 jahre*. Porto Alegre: Esperança, 1989.
- DREHER, Martin. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 55.
- DROOGERS, André. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993.
- GARDOLINSKI, Edmund. *Escolas e colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1977.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs; KREBS, Holdi (org.). *Caminhos percorridos pelos alemães da Rússia: na Colônia Guarani/Santa Rosa*. Santa Rosa: Fundo Municipal de Cultura, 2015.
- HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional a partir da migração gaúcha no Brasil. *Território*, ano 3, n. 4, jan.-jun., 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IGREJA BATISTA ALEMÃ BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 16 de dezembro de 1918.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 02 de agosto de 1919.

- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 03 de fevereiro de 1940.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 03 de junho de 1929.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 03 de maio de 1931.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de abril de 1925.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de fevereiro de 1922.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de outubro de 1919.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 06 de setembro de 1930.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 07 de junho de 1919.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 08 de abril de 1922.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 08 de outubro de 1927.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 10 de março de 1934.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 12 de abril de 1919.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 17 de novembro de 1934.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 21 de maio de 1919.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 29 de maio de 1937.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 31 de dezembro de 1920.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 8 de fevereiro de 1919.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 02*, ata de 30 de dezembro de 1941.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 01 de julho de 1961.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 20 de fevereiro de 1954.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 20 de fevereiro de 1954.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 26 de março de 1969.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 12 de outubro de 1970.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 14 de janeiro de 1978.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 27 de janeiro de 1973.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04*, ata de 29 de janeiro de 1972.
- IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas Perdido*, ata de 20 de outubro de 1945.
- JANSSON, Erik. *Under Söderns Kors I. Örebro*. Örebro Missionsförenings Förlag, 1941, p. 123.
- JORNAL MISSIONSBOTE, n. 1, jan. 1963, ano 37.
- MARINHO, Maykon dos Santos; REIS, Luciana Araújo dos. *O panoptismo como dispositivo de controle social: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault*. Pergaminho, Centro Universitário de Patos de Minas, dez. 2014.
- MILLER, Donald N. *The German Baptist Movement in Volhynia*. Disponível em: <www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2018. Artigo em PDF.
- MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, n.14, v.2.
- PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. *Boletim Informativo*, n. 56, ano 22, out./dez. 2011.
- RADÜNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende*. Santa Cruz: UNISC, 1996.
- ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190. Para mais informações sugere-se a leitura da obra.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.
- SILVA, Tomás Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- STORTO, L. J. *Discurso religioso midiático: argumentação e língua falada em pregações evangélicas*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- VALÉRIO, Samuel Pereira. *Uma nova origem do Pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912*. São Paulo: Recriar, 2020.

WEBER, M. *Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft*. *Wirtschaft und Gesellschaft*. 4. ed. organizada e revista por Johannes Winkelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1956, v. 2.

ZANELLA, Andréa Vieira; PRADO FILHO, Kléber; ABELLA, Sandra Iris Sobrera. Relações sociais e poder em um contexto grupal: reflexões a partir de uma atividade específica. *Estudos de Psicologia*, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003, 8(1).

ZIMMER, Marco Vinício. *O panóptico está superado?* Estudo etnográfico sobre a vigilância eletrônica. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.